

**14, cité
falguière**

por

diogo de macedo



**separata
da
"seara nova"**

1930

Comp. e imp. na Tipografia da SEARA NOVA — Calçada do Tejolo, 37

14, CITÉ FALGUIÈRE



BIBLIOTECA GERAL
B3 29915

THE CITY OF BOSTON

14, cité falguière

por

diogo de macedo



**separata
da
"seara nova"**

1930

THE
SOCIETY

OF THE



1881

Não deixo de conhecer que em Portugal intrometter-se hum Artista a ser Escritor he huma novidade, que muitos poderão estranhar; e esta só circumstancia he bastante para attrair sobre mim muitas censuras as quaes todas antecipadamente desprezo; porque não as espero dos que são capazes de exceder-me.

MACHADO DE CASTRO.

Mandando ao diabo a cardada de quedar palonso no Pôrto, e cego a pieguice sentimental dos indígenas que no pichote cocavam geniozito para afamar o bazar, iludido e feliz como coelho que descortina luz além da toca, ainda me recordo da brejeirice chorincas com que abandonei a estação de S. Bento, enroscado num gabinardo e num egoismo de filho-familia, com os parentes a recomendarem-me juizo e os amigalhotes postais ilustrados.

Havia um ano que se tinha proclamado a República em Portugal. Enquanto o foguetório e o fungágá das filarmónicas, na fronteira do norte,

pimponamente consolidavam a *idea*, nas bandas de lá, em terras arraianas e espanholas, as hostes conspiradoras dos descoroçados iam esmurando o novo regimen, com zagalotes de boatos, com tropéis de protestos e com um pendão azul e branco, que o chefe empunhava nas horas graves do desalento, qual Duarte de Almeida enfrentando os adversários de Toro...

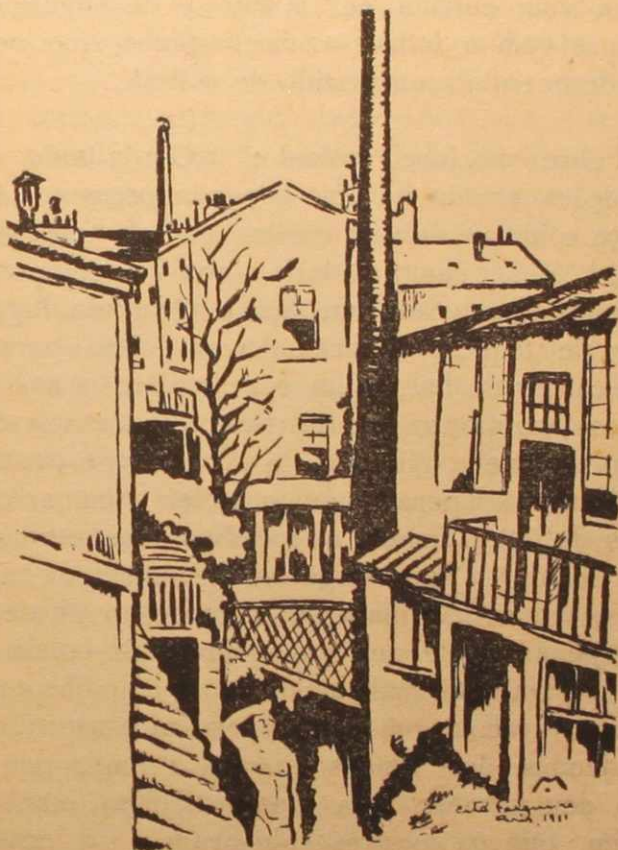
De cá e de lá havia pânico, pagode e ódio.

No combóio que me levava, embrulhado nesse gabão varino, côm de sépia e listado de negro — como o do *Anto* — embalado pelo torcicolar da linha no Alto-Douro e pelo meu sonho romântico, antegozando a alegria de pisar os asfaltos parisienses, leves e arreliativas foram as penas que tive na Barca-d'Alva ao ser tomado por tunante político, a-pesar do meu salvo-conduto de moço virgem de toleimas—não fôsse eu levar nas malas os cofres da estabilidade democrática, ou balas dum-dum para os couceiristas...

Assaltado pelos fiscais de cá e pelos invasores de lá, dadas àqueles tôdas as satisfações, num interrogatório manhoso que nem a vigarista inde-sejável, e da banda de além, também dados todos os periódicos que levava na algibeira, consegui — ufa!... — safar-me sem pisadura de honra, até às portas dos Pirinéus. Só então me apercebi, na fiscalização da segunda aduana, de haver sido aliviada a minha bagagem — *cuidado con los ra-*

toneros!—de umas pobres camisas, umas pantufas e uma escova de dentes...

De êsses tempos de sustos conspiratórios, não aparece outro prejuízo nas minhas memórias.



Que delicioso é viajar às cegas quando se tem vinte anos!...

Chegar a Paris com vinte anos, um romance e uma ambição... e só desfalcado nas camisas!...

Arribar ao Quai d'Orsay, às cinco da manhã, sozinho, sem conhecer ninguém, sem mapa nem cicerone, e saber-se conduzir pela vida fora, numa vida corrida de espanto e de sugestões, sempre com a folha-corrida limpinha que nem asa de querubim ou vestido de noiva!...

Pobre mocinho, coitado! Gordalhudo de ambições, errado no piso e papa-moscas na confiança com que deixara crescer a trunfa nefelibata, ia eu! Mas... como cuidaria a arte—o meu pobre bestunto só educado em fácil e adestrado fogue-tear de teques, o fura-bolos expedito para o technicalizar do barro, um coxear pimpão nas sa-benças anatómicas e certa risonha ignorância das histórias que a História de Arte cria e oculta? Presumindo apenas que modelar com arrebiques de hábil dedada os focinhos dum retratado, movimentar à vara-larga os desnudos de uma deusa ou copiar mais ou menos com chiste os panejamentos de um manequim, mais bolêta de grêda para aqui, mais arranhadura de palheta torcida para acolá, uma lambedela na ossatura das academias, dois fundos tapados a fingir que se não deu por ela, tôda uma artificiosa manhita, enfim, que os mestres cultivaram e os críticos aplaudiram, para atingir o *hors-concours* dos *Salons* e a imortalidade nos compêndios, sem reinem roque nos ideais e a inspiração a contar com

sapatos de defunto, eu era, então, um pobre-de-mim que dest'arte julgava a Arte, pouco a conhecendo embora muito a amasse!...

Os postais das galerias e as estampas do *Salon*, haviam compôsto esta infantil cultura. Depois o parolar das gazetas e os académicos conselhos dos contra-mestres, que espírito assimilativo toparam para galardão de diplomas, fizeram de mim o menino obediente e artiloso, capaz de enganar meio-mundo com o manejar da espátula e com o pirotecnizar dos símbolos, como se a forma fôsse uma tôla que se deixasse iludir com tretas e a inteligência uma atarantada que não patavinasse as raposices das ideas! Tudo me parecia acessível e capaz, julgando-me premiado pela vocação, ensaiando suprir pelo instinto o que só com paciente e doloroso estudo se consegue—quando se consegue—, como se isto de fazer uma boa estátua fôsse tão simples e tão gostoso como fazer um filho, confiado nas proporções do acaso, nas qualidades da sorte e na perfeição dos institutos de beleza.

Pobre mocinho, para que labirinto a desgraça te empurrou!...

Desorientado entre os dédalos enganosos das dificuldades e das impossibilidades; querendo dizer tá-tá mas falhando-me a língua, pelo tempo fora tenho corrido às doidas, num tropeçar contínuo de dúvidas e de verdades, sem ainda haver

descoberto ou inventado o que por outros já o não fôsse, iludido sempre como um tuberculoso já desenganado pelos médicos; crendo ainda na razão e confiado na sinceridade das minhas correrias, à cata da verdade por entre nuvens de mentira, ontem petulante, quando subia um degrau, hoje humilde quando grimpo um andar, mas sempre na expectativa de dar com as ventas num sendeiro; apalermado de todo, quando os mirones me aplaudem ou me indicam a direcção da mentira deles que presumem ser a verdade; judeu errante d'êste jôgo da glória onde quem ganha perde, a lutar por instinto e por ímpetos, mas a esconder minhas fadigas, não vá meu juízo atar-me numa camisa de fôrças; cada vez mais cêguinho quanto mais vejo, mais duvidoso quanto mais sei; com um desejo enorme de renúncia e uma covardia maior para estacar, já que tanto corri em volta do mastro de Cocagne; e atarantado de gestos mas com a consciência sem queixume, sincero em tôdas as minhas incoerências, sem cotação na bôlsa, mas com a paz no coração, ansioso, independente, espantado... Agora que vou no meio-dia da vida, receio confundir estas doze badaladas pelas da meia-noite da incerteza e quem sabe se do desespêro!...

Pobre teimoso, coitado!

Duelos? Sermões? Orgulhos? Para quê? Alguma luz me queda ainda nas pupilas e minha sensibilidade se apurou nos entre-choques dos desejos com os desenganos... Nem as cinzas

dos fogos-mortos, de que meu coração e meus olhos se encheram, conseguiram de todo cegar-me para a alegria da ansiedade ou para a tortura de amar. O isolamento ainda meus sonhos acalenta! Artista maldito, sim, mas cada vez mais humilde perante a Arte. Amar, em delírio, sem preconceitos nem reticências, sem cálculos nem razão. Mas que o amor dos sentidos não seja causa da quebra da adoração espiritual. O mais forte é sempre quem serve...

O meu destino era: *14, Cité Falguière, Paris.*

Um fiacre desengonçado, um friozinho de esquecer as orelhas; uma avenida tôda molhada, espelhante, onde as luzes dos reverberos se reflectiam em saca-rolhas de fôgo; uns operários apressados, de calça bamba e cache-nez enroscado no focinho...

Uma nesga do Sena com lanternas ruivas a multiplicarem-se na vaga ondulação; a silhueta encarvoada do Louvre, volumosa e enigmática; as ruas muito compridas e despovoadas; um cachorro melancólico a guardar uma carroça de hortaliça muito grande, muito húmida, muito verde...

...E mais vivo que tudo isto, me ficou na lembrança, para sempre, o elegante capacete oiro-velho, ansioso e vasto, do zimbório dos *Inválidos*, e o tac-tac-tac, monótono e sêco, das ferraduras do cavalicoque batendo no lagedo espelhento, enquanto o cocheiro, vestido de tapete felpudo e com

cartola de oleado branco, dormitava na boleia e pingava do nariz, uivando, de quando em vez, por hábito, um iup-iup, não fôsse a pileca abrandar a marcha.

Meus sentidos, deslumbrados, extravasavam de bondade. Sentia minh'alma abraçar o mundo, com gratidão.

14, cité Falguière :

Um bêco-sem-saída. Meia dúzia de casas sujas de cada banda, e, ao fundo, entrando-se por uma ponteca com caramanchão enroscado de trepadeiras e uma escada de dois lances. Logo estampado a negro, o letreiro flamante :

Villa Falguière

que era o 14.

Um escritório à esquerda, atrás de um postigo com rendas fraldiqueiras, e uma *concierge* muito gôrda, em camisa — a velha madame Têpas —, que me recebeu exuberantemente e me entregou a chave duma gaiola, o 9 do lado esquerdo, em baixo, no primeiro piso da *cour*, num pavilhão isolado.

Nesses quartos sombrios — dois compartimentos com alcova —, sem electricidade nem aquecimento, recebi o meu baptismo de desconforto. Só nessa hora me apercebi do valor da palavra *Mãe!*...

Tiritei de frio e de arrependimento.

Tinha entrado numa *impasse*, num bêco-sem-saída, como um escorraçado da linha recta.

Pensei logo na resistência, no desvio de direcção, mas...

Foi nessas celas de cortinas desbotadas e almadrague cansado, que certa madrugada acordei aflito, um braço esquecido e enregelado, que se havia escapulado para fóra dos lençóis. Nevava, e eu não me prevenira para tal acontecimento. Duas fricções rápidas e uns rudimentos de ginástica, acabaram-me com a sensação de um braço amputado. Cheguei á janela. Só então descobri o modelo das árvores de Natal que vinham nas caixas do Bon-Marché. Todos os arbustos e trepadeiras, os beirais e as passarelas, eram de algodão em rama. Espuma densa dobrada em curvas sensuais, felinas, alastrando-se em flocos brilhantes, aos montes, a estalactitarem-se. Tudo atapetado de branco, dum branco silencioso, macio, todo volúpia. Frémitos de ondulação, criando nichos cinzentos sob os cachos de algodão, as grinaldas de algodão, as cortinas de algodão... E, no ceu, um azul esplendoroso, azul de mar, cortante — o único que vi em Paris.

A neve!...

Como uma criança, enloucada pelo novismo do espectáculo, a rir e a correr, os pés a distância do chão, os sons a cantarem mais cristalinos nesse ar lavado, eis-me na rua, em frente da Nôtre-Dame

— mais gótica que nunca! —, do Luxembourg, êsse jardim de encantamento e de luz, que eu amo sôbre todos, o jardim da Maria de Médicis, o jardim de Jean Móreas, o meu jardim!...

A neve!

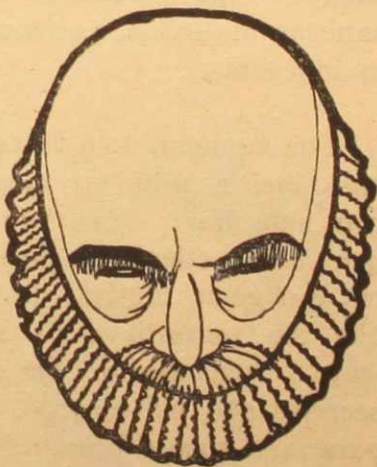
Eu nunca mais vi a neve, como dessa primeira vez... As outras têm sido cópias.

Nesses quartos inconfortáveis, com uma oleografia patriótica — a Alsácia a oferecer um ramo de louro à França —, e um relógio de porcelana, possidónio, sôbre a chaminé de mármore côr de chouriça, modelei dois *bonecos* de palmo e meio: um *Operário* de arcaboço nu e desmesurado, e a *Neve*, dois desventurados a estreitarem-se, os joelhos em ângulo, as mãos a aquecerem-se pelo bafo. Duas lembranças comovidas, dos meus primeiros dias de França. Quebrei-os mais tarde, enfurecido com uma dactilógrafa das minhas relações, que só gostava de escultura em pastelaria janota.

Mais algumas *maquettes* modelei, que felizmente meus nervos despedaçaram e meus camaradas troçaram. Roçava-me pela inspiração certo romantismo enganoso — litertrices chôchas que tresandavam a ingenuidade deslumbrada: *A luta pela vida*, espécie de cacho humano atrás de um passaroco; *Amor estranho*, safismo papa-assorda de virgulentos provincianos, que me deu assunto para meia dúzia de barros e outras tantas noitadas de valdevinices; *A lenda*, inspiradela zita pacóvia ao travar relações com as dispampanâncias

de Wagner; e *O bulevar*, generoso socialismo plasticizado pela sentimentalidade dos meus vinte anos, que traduzi num banco de face dupla, dormitório de vadio, com uma mãe e dois garotinhos esfaimados, dum banda, e um boémio encartelado e adormecido pelo álcool, da outra; e outros, e outros mamarrachos com seiva púbere e lambidos numa técnica teixeiralopesca...

Tudo primícias de gazes escultóricos que expeli exuberantemente, logo que esfreguei a emoção pelas arestas da vida! Uma delas ainda a minha ternura colecciona, em bronze, chamada *Sphinx* e em duvidosa posição, que não é mais que a de cócoras diante de tudo que me azaralhopou...



BOURDELLE

E como eu era bondoso e apegado ao amoroso *fado* lusíada!

No entanto—quem o havia de dizer?—, poucos meses depois me entretive com as letras da *Saudade* que chorei, a dispô-las sôbre o mármore da mesa de um botequim do *Quartier-Latin*, de forma que me dessem *Saúde*; outras vezes *Saída*,

que era um galanteio a uma môça linda, da minha paixão; e até cheguei a invertê-las: *dae duas*, foi o mais pervertido conselho que ofereci a um pobre médico compatriota, que ali fôra especializar-se em tratamentos de vias urinárias, e passava os dias no café *de la Source*, a beber, por canecas de cerveja, a sciência com que viria matar os inocentes...

Foi, também, no 9 do 14, da *citê Falguière*, que ensarilhei a primeira meada de amor literário, com uma *Marie* de chapéu rôxo de semana-santa, que tinha o talento de possuir uns formosos dentes, e o génio musical de me dizer *n'est ce pas*, que me perturbava os sentidos e me estonteava o romantismo. De outras qualidades mais secretas não me recordo. Ali a amei, ali a tive para meu gôzo e brinquedo.

Quem possuirá hoje o *Sorriso Triste?*— busto que dessa damisela fiz nesses estouvados dias de paixão, que muitos não foram o que esta durou.

A *citê*, cidade de gatos e aldeia de bisbilhoiteiras, era composta por um casarão barato, caserna de estudantes e de modelos, quartos para um lado e para outro, todos a 30 francos ao mês, no rez-do-chão e no primeiro andar. Por umas escadas de pedra descia-se a um pátio longo, cercado de ateliês, vinte ou trinta, todos iguais. Mil trepadeiras, blocos de granito pelos cantos, mon-

tões de barro, de telas velhas, de *chassis* quebrados, fogões e cadeiras sem uso, fragmentos de arte abandonada — cemitério de luxos e de sonho. Ao fundo dêste pátio, via-se uma figura em gesso, brutamontes desesperado, que um escultor para ali deixara e que decorativava o recanto. Sob o caramanchão de entrada, dois bancos de jardim, sempre ocupados noite e dia, por amorosos esquecidos. — « Lembras-te Yvonne? »
 « Lembras-te Gaby? »
 — Em meia-laranja, um murozito coberto de verdura, com mais ateliês ao redor, alcandorados como gaiolas, com passagens e pontes para outros ateliês, que davam o aspecto à *cité*, de um grande navio cheio de maluquinhos. E o *beau-blond* à porta, vigilante, olho vivo, orelha alerta, cachorro amarelo que fazia recados.



ZBOROWSKY

(por Modigliani)

Aqui estive internado durante dois anos. Num gesto corajoso abandonei a gaiola, um dia, embora com saudades. Fui morar para o pé do Luxembourg — o meu jardim — para o 3 da rua

Bara, onde vivia o Pascin, o Kisling, o Zborowsky, e mais tarde o Manoel Jardim. Não habituado a grandes espaços, perdi-me...

Ainda hoje procuro o caminho de certa verdade.

No dia imediato ao da minha entrada naquele navio, no beliche número 9, a 9 de Outubro de 1911, fui mirado e observado, apalpado e abraçado, por todos os loucos viajantes. Um brasileiro, o pintor Wash Rodrigues, que degenerou em architecto, lá para S. Paulo, tipo de índio disfarçado em tela de Velasquez, pôs-me ao corrente dos hábitos de bordo: estudar, beber e amar. Cumpri-os o melhor que pude.

Durante meses e meses, praguejando contra a sorte e contra o frio, naquelas manhãs cinzentas e civilizadas, corri às Academias de Montparnasse. Aí escutei as lições do escultor americano, morto há pouco, Mr. Bartlet, tipo alegre e camaradão, e as canções napolitanas ou socialista-amorosas dos músicos boémios que lá vinham cantar ao pátio. Ouvi, também, as lições de Bourdelle e de Nau-din — um, pequenino e verboso, sábio e poeta, o outro igualmente baixinho e sabedor, de óculos a Harold e brejeirice na ponta da língua.

Não contente com tais trabalhos, concorri à Escola da rua Bonaparte, onde fui discípulo

de Injalbert, mestre e colega das ramboias em St. Cloud e Robinson, com burricadas e modelitos desenfreados, que vendiam os beijos a três soldos e as noites a três francos, a-fora o almôço. Quantas vezes, antes que na *loje* me tivesse de bater à valentona com um colega atrevidote, deixei o gôzo quente da cama e das môças, para correr às prelecções de história de arte e anatomia, feito um *negro* dos maiorais, só porque uma vez fôra louvado pelo *patron* de barbicha rala, faunesca, e de passinho de bailador, que, após certa corrigenda amigável, opinou que *les portugais sont toujours habiles!*

E tudo isto para quê, para quê, Santo Deus?!...

Oh formosos jardins ambulantes que, às costas das vendeiras pobretanas, rescendieis a violeta e a *muguet!*

Jardins de esquina de rua, sob tôldos de folhagem, com crisantêmos garbosos e cravos estri-dentes de côr... Como vos amo e recordo, nessas manhãs de estudante pressuroso!

— *Trois sous la botte, messieurs-dames! Voilà l'amour, petit jeune homme!*

E meu gabão de fradinho floria-se de graça e de perfume.

Foram-me indicadas as celebridades do bairro. De uma me ficou grande ternura e respeito.

Era o escultor Joseph Bernard, que morava nos grandes ateliês da *cit *. Trabalhador incansável, de barba espontada   tesoura, o olhar em recta, uma boina basca na nuca, espáduas largas e cur-



JOSEPH BERNARD

(por Bouquet)

to de pernas, a expressão bondosa quando nos olhava. Falei-lhe um dia, e a sua voz foi de coragem. Nunca mais o pude topar, sem lhe tirar o meu chapéu. Hoje, ainda não posso ver obra sua sem me descobrir. Foi meu mestre e j mais lho disse. Da *cit *,   das mais heróicas medalhas que possuo. Outro tipo era o Miestchaninoff,

judeu russo, bom coleccionador e estouvado D. Juan. Um dia, foi ao Oriente por conta da Companhia das  ndias, e por l  coscovilhou o belo, saqueou os templos, arrebanhou nas galerias formosas cabeças em granito, da escultura Khm re, cambodgiana. Maravilhosas figuras de divindades, com as quais tentou fortuna e editou um raro album. Um grande escultor, um dos melhores em Paris, êsse gorducho pat rro, de talento provado e olhinho de batráquio...

A fauna era vasta nesses tempos. Por lá passaram sábios e artistas vindos da Escandinávia e redondezas. O astrólogo a quem chamávamos o *Saragoçano*, que veio a nosso conselho, pesquisar os tombos portugueses, e era casado pela quinta vez com uma poetisa filósofa, desbotada de côr e meiga de voz; o pintor paisagista, que jogava o box em Marselha para ganhar dinheiro com que comprasse as tintas e para entornar afoitadamente meia dúzia de botelhas a cada repasto; o escultor *Económico*, que não usava gravata nem fita no chapéu, e que fêz a venda de uma estatueta banal a um príncipe da Dinamarca, que Strindberg lhe patrocinara, êsse Strindberg que vivia e eu conheci na rua d'Assas, num hotelinho pacato, aonde acompanhei algumas vezes o colega e tive amores com a sobrinha da *concierge*; e o matemático de Estocolmo, o *Careca*, despelado que nem um pêro, apumado que nem manipanço, ciumento de duas matronas com quem os portugueses se entendiam mais por gestos que por tretas, possantes fêmeas que usavam calcinhas com laços da côr da sua bandeira, e se babavam por grogs com éter, único pagamento para usarem do nosso leito; e tantos e tantos outros, cujos nomes jámais soubemos pronunciar a primor, e que entre a *passage* Dantzig e a *Cité*, o Laborie e o Mazet, passavam a vida, rindo, bebericando, intrigando, sem tento na moral das amásias, nem pataco para o *omnibus*.

Havia um violinista suiço, magro como um canivete, que enquanto sôbre o estrado da Taverne

du Pantheon se esalfava — já tuberculoso — para ganhar a vida, sua mulher, a Gaby, atenta a aguardá-lo, num banco do caramanchão do 14, ensinava solfejo em troca de cócegas; e as duas garotitas da esquina, irmãs modelos de virtude sáfica e a 3 francos por hora, por quem um pintor espanhol que tinha rendas de *crochet* nos ca-



GRANOWSKY

valetes, se apaixonara, constando até que se suicidara em desespero, lá para as bandas de Fontenay; e o russo Granowsky, peludo encaracolado, a caixa das tintas a tiracolo, as gâmbias enroladas em grevas, sempre pôrco e a cachimbar, montado numa bicicleta de pedais feitos com cabos de pincel, êsse Gra-

nowsky que todo o Paris conhece hoje — o das esquinas de Montparnasse, o boémio artista, valoroso e repontão, que uns dizem bolchevista e outros das hostes brancas, e que não passa de um honesto pobre diabo que respeita os modelos e adora a sua pintura. Amigo do russo que se julgava feito de miolo de sabugueiro e que passava as horas imóvel num banco do bulevar, desgraçado no aspecto mas feliz na consciência, êsse Granowsky, que quando não

vende pintura se faz calceteiro de estrada, modelo das academias, figurante de cinema, *cow-boy* de cavalgadas, e que durante a guerra se escapuliu da refrega e veio dar com os costados em Lisboa, onde fêz mil croquis e subsidiou a sua fantasia para contar, depois, em Montparnasse, que vira, cá no cais, magotes de pretos nus, com tangas multicolores, a venderem papagaios e araras, atados a um poleiro encarnado e gigante. Êsse Granowsky que tomou o vinho de Amarante por vinho do Pôrto, só porque aqui o bebera em noites de boémia, e que, quando topa lusíada em terras de França, o saúda no único português que aprendeu: — « obrigado muitíssimo, amigo! » — e que no fundo é um real artista, um independente!

E o pintor Ramey, magro e corcovado, inteligente e judeu, amigo de Naudin, que dava festas com vinho branco e danças russas, e boêmizava connosco por bailaricos e *bistrots*, o cachimbo nos dentes e a ironia fácil. É hoje quási um triunfador no meio dos *fauves*, tendo passado pelo cubismo e seguido Marcel Lenoir, êsse genial desgraçado, peludo e pintor místico.

O belga Tibeauth, que se escapuliu da Guerra, atado a uma velhorra afortunada, decorador de gosto, vitralista, mosaísta, cerâmico, pintor, acomodado à vida e à música do gravador Chapron, o que tocava na viola e na sanfôna canções francesas do século dezoito, e que, em noites calmas, nós íamos ouvir ao ateliê de Dorignac.

O Foujita — êsse outro celeberrimo cabotino de talento, que o Japão criou e a França consagrôu — ; o Foujita simplório, de kimono e sandá-



Foujita

(Auto-retrato)

lias, brincos nas orelhas e cabelo à romana atado com uma fita; o Foujita da *cite* que não é o de Deauville, porque aquele era ainda um menino por prostituir e que a nora da *concierge* sugava como a tâmara madura, e êste d'agora é um pantomimeiro da moda, embora um original artista, um

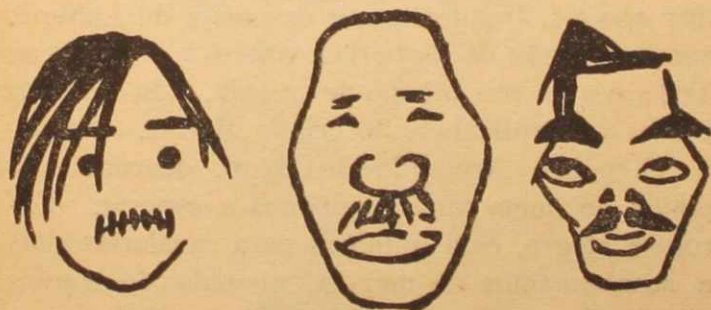
extraordinário desenhador e um valoroso pintor.

Outros japoneses, de cabaia, uns três ou quatro, que iam à Academia Julian, o Kawashima, o Tokunaga, o Kuwashige;

E os portugueses dêsse tempo, que muitos eram e de 20 anos de idade.

O Manoel Bentes, o « Manoel Maldito », vestido como pastor protestante, a barba em bico, de maromba e falas sérias, intimo do Smith, o saudosista dos recantos lisboetas, e do Alberto Cardoso que fazia caricaturas e tocava guitarra; o José Bragança, o loiro Bragança, corredor de mulheres e crítico de arte, amigo de *tout-Paris*, topa-a-tudo de grandes recursos de habilidade.

Escritor e tradutor, professor e autor de cartazes, músico e discutidor, sobretudo discutidor, sobretudo — oh isso então! — corredor pedestre em conquista de novas Índias... e francesas e alemãs; o Andrada, descendente dos Bobadelas, que nasceu no Brasil, pintor de gôsto e hoje decorador celebrado, dos mais fiéis que teve a minha amizade. O bom do José de Andrada, filho do Maestro Carlos, paulista de apelido malicioso, que ainda hoje reside na *cit *, no mesmo ateliê de então, o mesmo amigo de sempre, triunfador por



KAWASHIMA, TOKUNAGA e KUWASHIGE

(Auto-caricaturas)

atacado, como o foi seu ancestro, o heróico José Bonifácio; e o José Pacheco, architecto pela Graça de Deus e inventor da « Contemporânea », essa revista única que tivemos, graças a Deus e a  le, morador no ateliê de Amadeu de Sousa Cardoso, quando êste era impressionista e fabricava caricaturas. O Amadeu, que se a morte o não vence seria hoje o maior pintor portug es; o

António de Azevedo, escultor delicado e carga de ossos em bolandas; o Carvalhinho, entalhador tripeiro, que deu leis nas oficinas do *faubourg de S.^t Antoine*; o Visconde da Trama; o Carlos Franco; o Lúcio, *globe-trotter* que não sentiu ganas de passar além do Sêna; e outros, outros portuguezinhos valentes que mexericaram naquele pátio, fizeram parte da púrria e o vento atirou para as cinco partidas, como o Marques, o Cardoso, o Nunes, o Rodrigues, o Misarela... servidos pela M.^{me} Lallanne, a *femme de ménage* daquela *ménagerie*, onde só havia *faux-ménages*, a boa freguezia que a-par dos *apaches*, freqüentava o cafésóide do Laborie, com um órgão da Barbaria a vintém o «Guilherme Tell» e a 30 reis o copo de cerveja, tudo a crédito e com a cumplicidade do criado Marius.

O pobre Armando de Basto, desventurado pintor de quem tanto havíamos a esperar. Garoto e alegre, com aptidões para cavalarias altas e acanhamentos de menina, vivendo de *béguins* e de cafés com leite, sem rodela no bôlso mas opulento de inteligência, não sabendo furar a vida mas guardando talento de sobra para meia-dúzia. Meu colega nas bacanais pelintras e nos sonhos ambiciosos, brejeiro no dito, certo na *charge* e bondoso no raciocínio. Romântico e nervoso, a morte o arrastou, farto de uma vida malfadada e injusta, sem jámais haver tido ocasião de revelar francamente os seus dotes de pintor, o seu génio de artista, que o foi e dos mais pessoais e incompreendidos.

Por último, o extraordinário Modigliani, que revolucionou e celebrizou a aldeola do 14, êsse serralho de xerife, de pouca-vergonha e de



ARMANDO DE BASTO

(por Nuñez)

boémia, onde tudo amou e filhou, cantando e vencendo, e apenas o proprietário da Villa foi tristonho e enganado, rameloso de feitio e eunuco de nascença...

O grande e heróico boémio, o grande pintor Amedeo Modigliani!

O malgrado Modigliani que rebenta aos 35 anos, glorioso e pobre, havendo com o sacrificio da própria vida enriquecido alguns tratantes, que com êle traficaram obras-primas em troca de álcool e de um vago bem-estar, como se êle fôsse um simples zulu!

Nascido em Livorno, de familia israelita, burguesa e bem cotada, sendo sua mãe professora doutorada em línguas e seu irmão Emmanuel, um deputado e orador audaz do partido socialista, lançou-se um dia ao vagamundear de artista, para em Paris vir tombar olímpicamente, como o mais pessoal pintor da moderna falange de revoltados, isto é, do mundo inteiro.

Formoso e altivo, desgraçado e forte, trazia no peito a crença da vitória e no sangue o génio das epopeias. Tinha furias de dominador e meiguices de profeta. Foi as duas coisas sem ser piegas nem egoista. Traduzia-as, agindo por ímpetos e apuros, na sua obra original e nova, dando certo ar de desalentada amargura aos retratados e certas fidalguias virgens aos corpos nus de mulher que pintou.

« Chez cet artiste savant, la composition a laissé place à l'émotion directe », escreveu Salmon, um dos seus mais fiéis amigos.

« Enterrem-no como a um príncipe », ordenou o irmão de Itália, ao sabê-lo morto como um pária. Kisling, discípulo e camarada, assim fez. O seu entêrro foi das maiores manifestações de dor a que Paris assistiu, formando-se um cor-

tejo numeroso de autênticos admiradores e desventurados colegas, que o foram buscar ao hospital e conduziram ao cemitério—bando pobretanas e lacrimoso de amigos e modelos, comovida procição de boémios e renegados da fortuna, que empenharam a honra para lhe cobrirem o cadáver com flores, e o enterrarem como a um príncipe...

Irmão, no génio e na desgraça, de Verlaine, arrastou com a sua morte a vida da mulher que o adorava. Jeanne Hébuterne, ao vê-lo inerte, suicida-se no mesmo dia, prenhe de um novo filho de Modigliani, lançando-se à rua, da janela do hoteleco em que viviam, trágicamente, heròicamente.

O sempiterno *mors-amor*...

Conheci-o no dia imediato ao da minha entrada na caserna, nesse 14 soalheiro e serralhento. Porque o meu francês era falhado na composição, falou-me em espanhol para me dizer da sua simpatia pelo novo *maluquinho*. Pouco tempo depois tive de protestar contra a língua amável em que me falava, pois a minha já se ia desentaramelando e não fôsse haver da sua parte a intenção de me recordar, por troça, o tal roubo das camisas...

Bonito de máscara e desempenado de busto; risonho naturalmente, com um vago torcer de bôca que se arqueava de forma a sorrir mesmo

quando não sorria; olhos vivos e leais a fitarem sempre os nossos; loquaz na franqueza e honesto no desregramento das suas acções... Acasanhado de pêlo, a barba e o cabelo cortados da mesma forma, talhados como na estátua de Mausolo; tipo de perfeito patricio romano, firme de pernas, os ombros largos, os peitorais erguidos, o pescoço forte e sempre ao léu, um certo ar atlético na marcha, tinha o aspecto encantador do animal feliz, que sorri a tudo e ergue a guela à luz para a absorver — herói de raça e herói de martírio.

As mulheres, ao vê-lo, babavam-se, despiam-no com o olhar, enquanto os machos o invejavam.

Mais tarde — o álcool e a boémia! — esfrangalhou-se-lhe essa prestança física, e já sem barbicha nem arcaboijo petulante, guardava ainda a estampa de alferes garboso, embora mais franzino, mais florentino de rins.

Vestido de bombasina côr de rato ou negra, a calça larga à hussardo, o jaquetão amplo, sem colete nem atavios pinocas, uma facha singela a atar-lhe as pantalonas na cinta, a camisa quasi sempre de riscado — branca e azul, branca e rosa — no geral sem botões na gorja, com uma rudimentar gravata, o nó mal dado, esgarçado, à gandaia. Muito lavado sempre, por vezes roto, esfiapado ou com rêdes de costureira manhosa, era um simpático tipo de boémio, mas sem murgesismos românticos nem artificialismos para dar nas vistas.

Modigliani era pintor. Morava no pátio, a principio num quartinho escuro do lado esquerdo, ao canto, quási sob a passarela que dava acesso ao cubículo da porteira, depois no ângulo oposto, em ateliê mais espaçoso e claro, que tinha por mobília uma mesa e um cavalete, uma cadeira e um divão.

Quando o conheci andava êle numa fase de dúvida—qual o caminho a tomar com mais segura verdade? Cerrava-nos a mão com tal lealdade e violência, que a nossa amizade se escravizava e nossos dedos se lamentavam.

A sua pintura tinha atingido enorme êxito no derradeiro *Salon*, com o *Violoncelista*, que era o retrato de um camarada.

Lautrec e Picasso, que o haviam impressionado, eram agora postos de parte, renegados com independência. Já os impressionistas o haviam chocado, mas sem paixão. Impressões de recém-chegado, a todos ferem e suggestionam. Modigliani, porém, não suportava tutelas. Seu menear de ombros e de garganta, era próprio de alguém que quiere res-



PICASSO

(por Gargallo)

pirar largo, sem submissões nem fianças escolares. Italiano de gema, sonhava com impérios que fôs-

sem só seus. Era freqüente ouvi-lo recitar Dante, e depois de nos palrar sôbre arte, fechar a paleta com um grito saudoso: — *Mia cara Itália!*

Alguém mais tarde me jurou ter sido êste mesmo grito a sua última exclamação. O nómada, o judeu errante, o vagamundo, legando a alma à sua terra natal!

Havia, pois, parado com o pincel, seu melhor verbo de traduzir a harmonia da vida com amor, para respirar fundo, sentir melhor ânsia, calcular melhor o vôo. Não trabalhava nem bebia: sonhava apenas. O retumbante triunfo do *Salon* não o envaidecera. Deixara-o duvidoso.

Pouco a pouco, voltava agora a desenhar. Falava de Uccelo, de Giotto, e desenhava. Purificava-se, singelizava-se...

Uma manhã, mostrou-me tôda a obra que havia produzido. Telas e telas amontoadas de encontro à parede. Retratos e esboços de tons gangrenosos e expressões doloridas. Máscaras estranhas de viciosos, de prostitutas e de tarados. Faquirizava-nos essa pintura enlouquecida e amargurosa. Era demasiado humana, prègadora de remorsos. Figuras esguias, magras e doentes de côr, abstrac-tas de imagem, românticas um tanto: altos pescoços que tombavam em movimentos de compaixão ou desânimo, os olhos rasgados de miséria interior, as bôcas franzidas de resignação. Nenhum sorriso, nenhuma nesga de sol... Só dor e har-

monia. Rosa pálido e negro, sépia e gris, verde-musgo e carmim de sangue-velho. Tudo muito longe daquele belo colorido de alperche doirado, com que depois se notabilizou. Planos largos e linhas sem sinuosidades. Pintura sumária, emotiva e comovida, cheia de expressividade mas pouco bondosa. Obra sintética, resumida e sem alegria. Fazia mal vê-la. Faquirizava. Os retratos de mulher eram símbolos de tortura, mágua e infâmia; os de homem, resignação e idiotice. Lembro alguns e não os cito, porque foram de meus amigos. Nenhuma paisagem, nenhuma alegria. Nem uma árvore, nem uma flor, nem uma nuvem... Pintura intimista, sem decoração.

Modigliani, o ricalhão de dons, são de corpo para receber todos os prazeres da vida, risonho à luz, ao vinho e às mulheres, poeta e cantor, andava descontente com o passado. Havia amargurado de mais a pintura. Só via almas e miséria. Era-lhe necessário revelar a sua fortuna de bondade, o seu instinto de amor, em obra diferente daquela que escondia dos próprios olhos. Até o *Violoncelista* voltara para a parede. Por isso, abandonava todo êsse esforço passado, e, de porta aberta para receber o ar, desenhando imagens sem parança, de criaturas belas e felizes, aguardava a concupiscência dos mercadores e dos amigos, para que lhe levassem aquela pintura pessimista, enquanto a não destruía. E a sua obra futura aparece sem sombras, sem gangrenas, mas também sem uma árvore ou recanto de casario.

Acamaradámos algum tempo. Ria expansivamente e revelava-me artistas novos, para mim inéditos: Brancusi, Utrillo, Nadelman, Rousseau, o *douanier*... O peito arqueado, os olhos a fuzilarem, a palavra saborosa de volúpia, quisera iniciar-me na verdade primitiva, na adivinhação dos instintos. E bebia a cada passo, galanteava as madamas, ria de tudo saudavelmente.

Fomos ao *Salon des Indépendants*, então à beira-Sena, num barracamento apropriado. Sorriu, blagueou, falou a tóda a gente, troçou daquela pintura domingueira e espalha-brasas. Teve uma fúria ao ver um desacato num mármore de Brancusi, representando a cabeça de Baptista — um ôvo pulido sôbre um prato circular. Quando saíamos, quási à porta, junto de um quadro religioso, o *Calvário*, de Marcel Lenoir, fez-me pasmar diante de uma tela grande, uma caçada com amazonas e lebreus em salto de arco-iris, obra de Amadeu Cardoso, seu amigo e meu compatriota.

«*Voilà, voilà... C'est presque bien... Il ne lui manque qu'un peu de courage, pour emmerder tous ces barbouilleurs!*...»



MARCEL LENOIR

E, graças a Modigliani, deparei com um dos nossos maiores pintores.

Amadeu Cardoso foi o único pintor português que mergulhou no cubismo, que fez rapa-pés ao marinettismo, e deixou esperançosos ensaios de pintura-viva. Os outros foram líricos — êle foi construtor. Desenhou um album com estilizações curiosos, fantacias bizarras, mexicanas, negras e orientais. A sua pintura, porém, era mais sólida. Há mesmo abundante dose de humanidade em certos quadros, que lástima é não estejam arquivados num museu contemporâneo.

Modigliani respeitou-o imenso, e nós, os portugueses, ignoramo-lo. As suas exposições em Lisboa e Pôrto foram motivos de chalaça, de fera má-língua e até de escarros. Em Paris, na galeria Briant & Robert, em 1925, a Cocteau o ouvi eu elogiar às largas, e nos jornais li rasgados en-cômios a êsse desventurado português.

E cá?!... cá cá...

Modigliani desaparecera uma temporada. Quando reapareceu vinha taciturno, mas com um rôlo de telas novas.

E pintou. Pintou as primeiras maravilhas do seu gênio. Retratos hoje a honrar galerias e museus. A côr era outra, era de sol e prata; o desenho era outro, era todo estilo e garbo...

Depois acalmou de novo. Dias após, iniciava a série de pintura estridente e bárbara, vitralesca

no recorte e na côr, algo de cru como nos velhos mosaicos, com um desenho de fetiches e de baí-lundos africanos, às vezes só negro e azul, outras vezes sangue de boi e prússico. Foi novidade para todos essas tapeçarias exóticas, inícios da sua fase de escultor que daí a pouco ia rebentar com impetos de lião.

Estávamos em 1913, e numa das fases mais curiosas de *Modi*. A crítica conhece-a pouco e até tem misturado alhos com bugalhos, ao falar de tal época. É que Modigliani nesse tempo recebia raríssimos ami-gos de Montmartre, e a crítica então vivia, ali, cêrca do Lapin-Agile. Apollinaire, Salmon, Carco, forjavam a re-volta lá no seu bairro, e o de Pasteur ficava-lhes à desamão das carabinas. Picasso andava às voltas com o *cubismo*. Bracque e De-rain às turras com as mesmas teorias. Os *fauves* aos gritos. Mo-digliani refugiara-se pa-rra o trabalho. Waldemar e Fels ainda não sa-biam donde vinha o cheiro a pólvora. Alguns



ANDRÉ SALMON

(por Massagner)

mètèques formavam o salto para taponear na contenda. A Laurencin era a Tallien do novo 93. Cocteau foi o gavroche...

Modigliani falava-nos de Max Jacob, destrambelhado e místico, poeta e pintor com café-crème, um grande de França, um cristão-novo em plena fogueira; de Diego Rivera, o mexicano anarquista, comilão e conquistador, a quem pintou um retrato extraordinário e de quem possui um desenho; de Delaunay, revolucionário teórico, judeu furta-côres, intercecionista hoje, simultaneista amanhã, sempre detentor de sensações em contraste, que veio a Portugal agitar a bandeira das vibrações, para não ouvir o estámpido da *grosse Bertha*; de Zborowsky, seu amigo de horas amargas e protector das suas telas; de Kisling, seu inteligente continuador; de d'Annunzio, amigo que admirava e de quem nos recitava as poesias; e de Boccioni, e de Archipenko, revolucionários da forma, cultores de inéditos volumes...

Mil escolas, mil teorias, mil guerrilhas. Os arautos corriam mundo, e o mundo desconfiava. Havia declarações de guerra e declarações de amor. A fogueira ia atear-se em breve, lamber a Europa, contaminar a América. Entre o barulho de tantos clarins ninguém se entendia. Só o nobre e consciencioso Modigliani, — «*je suis peintre, je ne suis pas guerrier!*» —, preparava a hora suprema da sua vitória, sem rataplan de batalha, sem cálculos de estratégia nem barragens de fogo ou ordens de comando.

Modigliani seria o indomável Guynemer de tanta luta.

Então todo se entregou à sua arte, à sua dôr de criar e aperfeiçoar a própria dôr, purificando a própria criação. Sorrindo sempre, obsecado de sorriso e de vitória, seus dias eram tormentosos na luta contra a resistente perfeição. A resistência do ideal, a resistência que seu gênio se impunha, para cada dificuldade vencer, sòmente encontra o tormento novo de sofrer a própria arte. Passava os dias, sem comer, sem se sentar, numa guerra com os materiais, com as resoluções a tomar, com os reveses da própria inspiração. Era uma alma ambiciosa a querer derrubar a teimosia do próprio espirito. E ambos vencidos e ambos vitoriosos, noite alta da batalha, só acalmavam quando a fadiga física os prostrava, quando o álcool estimulante os abatia, quando o haschich os transformava em sonho inerte.

Voltava, então, ao trabalho, com furor e volúpia, com amor e sofrimento — ciumento das próprias concepções. A obra a não acompanhar o desejo, alucinado de inquietação, mas sorrindo sempre, sorrindo continuamente, os dentes cerrados e a emoção às escâncaras.

— « *Il me faut le travail pour me libérer de mon tourment intérieur. J'aime l'art trop passionnément et j'ai un désir jaloux de le faire mien tout entier, mien dans mes sentiments, dans mon âme,*

dans la façon de l'exprimer et de le concevoir», escreveu a divina Duse, essa infeliz e genial italiana, que Modigliani adorava e de quem certa noite, no terraço da cervejaria Dumesnil, nos fez o elogio, demonstrando com gestos tôda a intuição dos seus movimentos vivos, perante o pasmo e os risinhos dos burguesóides que se refrescavam em nosso redor.

Modigliani raro se deu a uma amizade, como se deu continuamente ao álcool, ao sonho e ao trabalho. Foi a arte que o glorificou, mas também quem o matou. Modigliani não sabia mentir. Quando amava perdia a razão das medidas da própria vida, das próprias fôrças. A sua paixão foi até ao escândalo, até à loucura, até à morte.'

A febre atacava-o. Mal dormia, mal comia, e logo de manhã cêdo, a noite passada mais em sonambulismo que em descanso, vinha trabalhar para o pátio. Após um banho de soldado, o tórso nu esfregado com a água da torneira que ficava sob a ponteca e entre as heras, chafurdava como gaiúlo vadio ou cão peludo que se saracoteia para secar o pêlo; umas pantalonas bambas, uma camisa de riscado desabotoada, o colo ao-léu, em cabelo, bebericando de quando em vez seu trago de cachaça, passava desde manhãzinha até ao meio-dia, sentado no chão, uma pedra esguia entre os joelhos, malha que malha, pica que pica, desbastando, cinzelando esguias máscaras de es-

galgado pescoço, o talhe lembrando o bárbaro dos manipanços, o gôsto influenciado pelo oriente — olhos pequeninos, oblíquos e desenhados em amêndoa, nariz afilado, desmedido e fino, gravado em três rectas paralelas, uma bôca em beijo, redonda como cereja bical, o mento boleado e romano, a testa engrinaldada, ora de cabelos ondedos ora de berloques de jóia, conforme a pedra dava e aconselhava, umas vezes dura e outras mole, de construção. Modigliani servia-se de blocos vulgares de maçonaria, paralelepípedos de faces pulidas, que jamais eu soube onde os apanhava.

Então era difícil arrancá-lo à sua *tâche*, sendo quasi necessário ralhar-lhe para que viesse ao almôço, descançar um pouco daquela luta que o emagrecia. Feliz pelo nosso interêsse carinhoso pela sua saúde, ria de contentamento. Erguia-se do cimento, espanava-se sumariamente, procurava um boné, e ei-lo um quarto de hora em frente do busto esboçado, descrevendo desejos de arte sensual e arcáica, de orientalismos inéditos e fidalgos, embevecido perante a obra, infantil, artista puro perante o seu *fétiche*.

— «*N'est-ce pas, que c'est mondain?*», perguntava. E à nossa resposta afirmativa, que era *aristocrático*, feliz pelo resultado do trabalho, acompanhava-nos ao Mazet, cantarolando, rindo, sonhando venturas e triunfos.

O Mazet era o dono de um restaurante de operários e artistas, situado na rua Falguière.

Suecos, italianos, brasileiros e portugueses, ali se davam *rendez-vous* em repastos barulhentos e não mais caros que um franco por cabeça. Dividia-se a sala em duas correntezas de mesas de pedra, um recanto para a louça e o balcão de zinco onde o operariado matava o bicho, com absinto. O recanto do fundo era o nosso, o dos artistas, *le coin des canards*, porque só bebíamos água e porque grasnávamos sem detença. Também apareciam, por vezes, alguns espanhóis e até suiços. Pequena torre de Babel, raro era o freguês que não trouxesse fêmea, e raro era o que não comesse a crédito. Porém, a honestidade do *patron* forçava os nossos escrúpulos e brios. Jamais um só deixou de lhe pagar no fim do mês, quando chegavam as pensões da terra.

Monsieur Mazet era um socialista cotado no bairro e no partido. Os deputados do *arrondissement* vinham visitá-lo com freqüência. Ali conheci uma noite o espadaúdo Jaurès, que me forneceu a carta de recomendação com que me apresentei na Villa Saïd, ao Senhor Anatole France, de quem ainda conservo uma máscara, modelada quási ao rebentar da Grande Guerra.

Nessa baiúca de operários comilões e *grisettes* brêjeiras, uma das quais — a Henrichetta dei Angeli — italiana de Piemonte que trabalhava numa oficina de brochura, ali cêrca, me apresentou certa noite a Gomez Carrillo, no vasto salão do baile do Bullier, onde Anglada e Montenegro eram reis, um das mulheres e o outro do tango; nessa baiúca

saudosa dos meus tempos de pagodeiro, iniciámos todos nós as galerias de arte, hoje tanto em voga pelo Paris fora. Colocámos pinturas por tôda a parede, desenhos e guaches pelos lambris, bustos e estatuetas sôbre cachorros e cavaletes, numa sem-cerimoniosa exposição, só para regalo dos nossos olhos e por preito agradecido ao *amigo* Mazet, alto como uma tôrre, bondoso como um pai. Quadros dos suecos, dos espanhóis, dos brasileiros, de todos, até de franceses, ali comensais. Lá deixei uma reprodução em gesso da minha « Niña de Velasquez », que outra não era senão a Marcelle, a galante filha dêsse restaurador amigo...

Agora os olhos de Modigliani brilhavam e suas maneiras eram doces ao recitar versos de um poema persa que nos traduzia de cor, que não eram senão os seus, inventados na véspera, decorados de noite, naquelas noites de insónia e êxtases que passava no ateliê, a porta aberta, uma vela acesa, até que esta se extinguísse, a escuridão chegasse e os fantasmas se evadissem. Mil vezes assim o vi, o coquei às escondidas, não fôsse aperceber-se de que era gozada por estranhos a sua rêveria de haschich, de viciado eterno.

Sôbre um almadrague singelo, as pernas cruzadas como um árabe, em mangas de camisa e pelos ombros o gabão escuro que Amadeu Cardoso lhe ofertara. Os olhos espantados, sorrindo, monologando, pensando, sem um gesto, os braços tomados sôbre os joelhos como o *escriba* egípcio do

Louvre, num estatismo de bruxo ou faquir, assim as horas corriam, os fantasmas o acariciavam, entre aquelas quatro paredes nuas. Algumas cabeças de granito, ao redor, uma esteira no chão, o magote de telas voltado a um canto. E logo que a luz da manhã chegava, acordado da prostração febril que a droga lhe ofertara, ei-lo que, cambaleando, vinha ao pátio esfregar as espáduas, molhar os olhos e o cabelo em desalinho, encaracolado como o dos pescadores, e lançar-se ao desbaste de novas cabeças de pedra branca, malha que malha, pica que pica.

Uma manhã, a velha *concierge* viera interpellá-lo porque a vizinhança protestava com o barulho dos escopros e da macêta. « Que fôsse para o ateliê, porque o pátio não lho alugara ela! » E o nosso querido amigo, como um louco, desvairado, corre de martelo erguido para a velhota gordanchona, insultando-a, e não a mata por um triz, porque a prudência a esta a fizera recuar para dentro de casa e à chave se fechar.

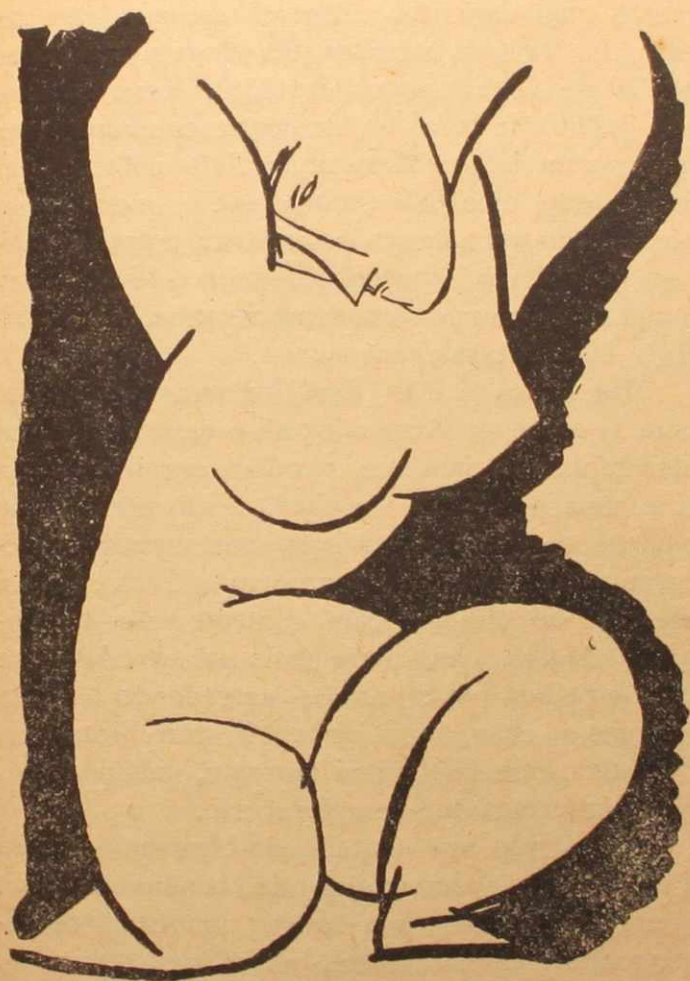
— « *Vieille mère, vieille ordure, saligote!... Espèce de...* », gritava o artista, na sua fúria de quem não quiere ser perturbado.

E foi um trabalhão dos diabos para o acalmar, o convencer que madame Tépás não falara por mal, mas sim empurrada pelos protestantes, que eram os vizinhos quási todos. Mas nada o convencencia, os olhos fora das órbitas, a bôca espuman-

te, os nervos em trémulo que nem galinha riçada. Nesse dia não trabalhou mais, nessa semana ninguém mais o viu. Refugiara-se em Montmartre; e com operários, *apaches* e o Utrillo, por lá se emborrachara, dera escândalo, acalmara-se esquecendo o desacato daquela *vieille ordure* que o não compreendia.

Uma vez, numa carroça de mão, apareceram dois homúnculos com um calhau enorme, mais de um metro cúbico. Foi um escarcéu entre as comadres. «Agora é que iam ser elas, noite e dia de picareta!...»

Modigliani, logo na manhãzinha seguinte, o tórso nu como um escravo, a régua e o lápis em acção, debuxava uma cariátide acocorada nas quatro faces laterais do penedo, que nós presumíamos ser para gravar em alto relêvo, guardando os planos perpendiculares como a dessa escultura que Brancusi postara num túmulo de Montparnasse. Mas não. Cinzel em punho, os dentes cerrados, logo o desbaste começou, feroso, pancada que te parto, calhau para aqui e para acolá, o pátio inundado de pedrinha, o espaço da passagem todo tomado, a vizinhança em alarido às janelas, os colegas à porta, estremunhados, saudando-o pela energia. E êle sem responder, como um náufrago a esbracejar, desta vez com uns óculos de *chauffeur*. Cada marretada era uma lasca de quilo, cada gesto era um pedaço de forma a aparecer. Assim,



CARIÁTIDE, por Modigliani

numa semana, surdo aos protestos dos dorminhocos e da *concierge* que agora só cantava de galo por trás da janela, Modigliani fêz nascer inteira-

mente uma cariátide. Contorcionada, a cara de lado, os braços erguidos em ângulo recto, os peitos de negra caídos em bico, como anonas, um joelho em terra e outro entre os mamilos, as nádegas torcidas, o tórso numa linha nobre e sem interrupção, uma bela estátua, enfim, que ali ficou no pátio, meses e meses, por acabar, porque o cansaço derrubara o pedreiro, a sêde o levava para longe e a obra não saíra como a sonhara. Paciência! Ia esculpturar uma outra...

Mas nunca o fêz. Esta, foi arrastada um dia para o ateliê do Armando; ali o escultor a vinha contemplar diáriamente, vendo-a servir de mesa com uma prancheta em cima, e sôbre esta uma enorme caneca de grés com uma ramalhoça decorativa. E Modigliani gostava. Tanto, que a ofereceu ao pintor. Não contente com tão *pequena* dádiva, ofertou-lhe mais umas telas, que este espalhou pelas paredes, estendendo as duas maiores no chão, à laia de tapête, num bizarrismo de esteta, que Modigliani aprovou, quando todos nós julgávamos que se enfurecesse.

¡Que lindo era o ateliê do Armando, nessa altura! Um almadrague de bandas doiradas que lhe emprestou um amigo; um cavalete desengonçado no torniquete, com o meu retrato ao alto — êsse retrato que mais tarde foi vendido aqui, na Feira da Ladra, por uns tostões; a mesa-cariátide ao centro; os dois tapêtes a ladeá-la; as paredes gritantes com as pinturas; e a um canto uma mala a fingir de estante, cheia de li-

vros, de frascos de tinta, com um violão encostado à escada que dava para a *soupenite*, único companheiro que jamais Armando abandonou em tantas misérias.

Essa cariátide quebrou-se a meio, numa mudança qualquer. Abandonada entre a folhagem do pátio, foi vendida depois da morte do autor, por um amigo que lhe soube o preço. Onde quer que esteja, não pode ser tão bela como o foi no ateliê da *Cité*...

O nosso artista cinzelava um busto. Armando e eu aproximamo-nos d'ele, de surpresa, e saudamo-lo: *Alors, ça va?* Êle volta-se de repente, dá uma pancada em falso, o cinzel torce-se, e eis que o busto se quebra em dois pedaços, despegando-se a esguia cabeça do não menos esguio pescoço. Armando dá uma gargalhada. Modigliani salta-lhe em cima como um gamo, e quasi o apanha para o estrangular. Furioso, grita-lhe:

— *Assassin!*—Entre pesaroso e medroso, fiquei sério como um viuvo. Com carinho, agachei-me para remediar o desastre, colando as duas partes da formosa degolada.

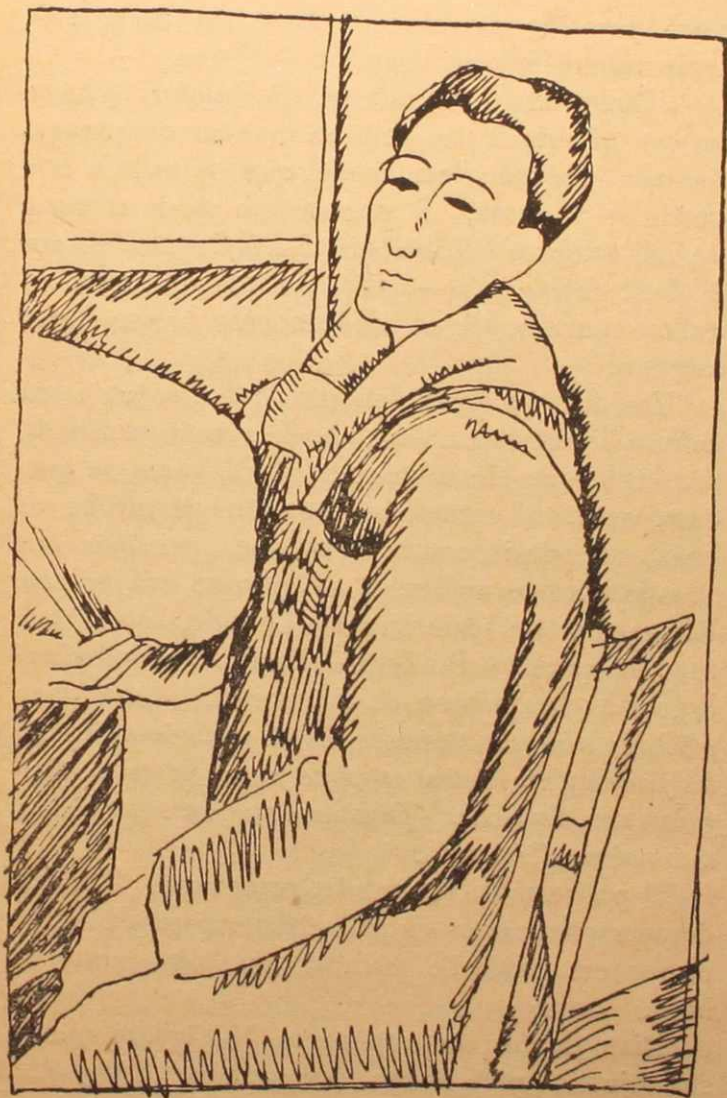
— *N'y touchez pas, n'y touchez pas!*—ordena-me terminantemente. E com as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos, abraçou-se a mim, tremendo como varas verdes. Depois, foi acariciar a máscara

com os dedos, como a uma amante. Afagou-a demoradamente, e entrou para o ateliê. Seguiu-o. Sentou-se no divão, exaltou-se, espumou de raiva, e como uma criança agradecida pela minha paixão, ofereceu-me dois desenhos. Contou-me como os artistas primitivos pintavam os frescos de Herculanium... e daí a pouco dormitava.

Pé ante pé, quando saí, encontrei o Armando, irrespeitoso, equilibrando o busto de pedra sôbre o pescoço despegado; e pela racha da quebradura, enrolou um velho colarinho com uma gravata negra. Repreendi-o. Riu-se de mim. Aguardei a tragédia entre os amigos. Quando mais tarde Modigliani acordou, ao vêr a garotice, riu. E durante semanas aquela elegante figura de mulher, ali esteve à chuva e ao vento, de colarinho de ida e volta, coleira de amazona, irrisôriamente...

Modigliani, uma manhã, deu-lhe um ponta-pé e atirou-a pela escada que dava para o saguão do lixo.

Modigliani detestava os aleijados e odiava quem se queixava da vida ou de doenças. Falta-lhe essa parcela de humanidade, de cristianismo. De resto, era judeu de sangue. Mais que uma vez o vi insultar companheiros que atribuíam ao seu estado de depauperamento físico, as falhas morais em que caíam, ou a inanição em que viviam. Não podia suportar fraquezas. Erguia-se furioso, colérico, e, ou ameaçava com a expulsão o quei-



MODIGLIANI

(Auto-retrato)

xoso, para lhe não bater, ou batia êle em retirada, endemoinhado, praguejando :

« Quem não pode, cala-se. Por pudor, fecha-se na sua miséria e não vem encomodar os que trabalham. Se não tem saúde, que se asile e não perturbe a nossa. É sempre um modo covarde de nos atinjr a felicidade! *Les infirmes n'ont pas le droit de vivre!* » — assim rematava o seu orgulho romano, digno descendente dêsse Nero augusto.

Um dia, o pianista húngaro que morava a seu lado, o Tgerécsse, pé-coxinho de grande inspiração moderna, que êle admirava e mil vezes se quedava para o escutar e lhe não perturbar os ensaios musicais, contra o costume, queixou-se dos seus insucessos amorosos, só porque era manco. Estávamos no cafêzito do Laborie, que fazia esquina para o Boulevard Pasteur. Modigliani ergue-se e expulsa-o da sua mesa: « *Allez-vous plaindre ailleurs, espèce de tapête mal compris! Si les femmes ne veulent pas de vous, ne vous plaignez pas, imbécile. Tournez-vous vers les mâles, mais aimez l'amour...* »

O pobre músico, vexado, protestou. Tivemos de os separar após os primeiros sopapos, e o café esteve em confusão durante um bom quarto de hora.

Dias depois, convencemos Modigliani que a sua injustiça pelo amigo fôra grande. E logo êle, sorrindo, olímpico, gritou, entre irónico e arrependido: « *Vous avez raison. Sa puissance est au*

bout de ses doigts... E elogiando-lhe o talento de pianista compositor, veiu essa noite fazer as pazes com o vizinho, perdoar-lhe a ofensa de ser aleijado...

Pobre e estranho Tgerésse! Sempre pinócas e de óculos à Quevedo, o cabelo de azeviche aplastrado à nuca, usando meias de mulher até ao joelho, frequentando as *boîtes* de amor fácil onde encontrava a cocaína para os seus hábitos, espirituoso, papo-sêco de maneiras, misterioso de vida, mancli-manca, manquitolas!...

O seu quarto era pitoresco. A cama de madeira, colocada a prumo de forma que a cabeceira fizesse um docel baldaquino aos colchões que no chão se estiravam, cobertos com uma colgadura rôxa. Uma mesa redonda com um castiçal de prata, onde uma vela — uma única luz admitia — ardia até chegar ao metal. Detestava soprar a vela. Acesa uma vez, havia de ir até ao fim, ainda que tivesse, ao sair de casa, de a deixar acesa. Ao fundo, o piano de cauda, junto do qual passava noites inteiras estudando, compondo melodias, que êle se fazia acompanhar fazendo o contra canto, assobiando baixo. Pelo chão, ao redor do quarto, mil almofadas, cochins de seda, para os amigos se sentarem e o escutarem em silêncio, fumando apenas, porque ao lado de cada travesseira havia um cinzeiro. E de madrugada, havia então excitantes, segundo o gôsto de cada um:

álcool, whisky, ether, cocaina... paraísos perdidos.

Modigliani adorava as drogas e sobretudo o haschich. Êste e o álcool foram os seus assassinos. Antes da guerra já em Paris era moda o envenenamento por estupeficientes activos. Baudelaire cantara-os e usara-os. Porque não os outros?...

Vejo ainda Modigliani, bêbado e contente, um maço de velas acesas na mão, — logo meia-dúzia de uma só vêz, — girando com elas à roda dos bustos, a comêço lentamente, depois velozmente, pingando tudo, queimando os dedos, mas vaidoso de gôzo pelos efeitos de luz e sombra que as figuras tomavam, expressões búdicas, inquietas, fantásticas.

—*«Pas, que c'est beau? pas, que c'est mondain?...*

E logo ia colocar, sôbre cada cabeça de pedra, um côto a arder, tudo assim em forma de altar maluco, onde eles se extinguíam; e o seu autor no meio da casa, gâmbias cruzadas, como um javanês, adormecia clamando versos antigos e conversas bizarras como a sua obra...

Freqüente também era vê-lo regar êsses bustos com um púcaro.

A pedra, humedecida, tomava novas belezas. Espelhenta, as expressões alteravam-se, multiplicavam-se. Logo apressado, rindo como um louco, como uma criança, aureolava-as com a chama das velas, à cata de novos efeitos, de sensações inéditas. Ora, na verdade, as suas esculturas pareciam

divindades exóticas, jainistas, misteriosas, requintadas.

— « *Pas, que c'est beau?* »

Modigliani era um sensual e, nos seus ímpetos de macho, tiranizava as mulheres, martirizava-as como a pôldros medrosos. Por fim era amado com doçura e submissão, tornando-se terno e amável, porque seu instinto se subordinava à educação. Mesmo nos momentos exaltados do álcool, era aristocrata de maneiras: as palavras mais livres, mas as intenções sempre distintas.

Certa noite de bacanal barata, no ateliê do Andrade, este, o Ar-



DESENHO POR MODIGLIANI

mando e eu, divertiamo-nos com um modelo que comnosco jantara e comnosco ficara. O Andrada tocava modinhas brasileiras e tangos argentinos na viola, enquanto o Armando dançava com a rapariga, ambos em pelota. A um canto, enchia eu páginas e páginas de album, com croquis de movimento. Nisto, abre-se a porta, e Modigliani entra. Vinha tremendo de álcool. Ao vêr o espectáculo, despe-se também, e como um sátiro esfaimado, salta sôbre a garota e tenta aforeá-la. Protestamos todos. A prêsa era nossa e defendíamos a propriedade. Perdidos os esforços satirescos, porque o modelito gritara e já a vizinhança corria a saber do escândalo, Modigliani enrosca-se ao canto do sofá, embrulha a nuca numa camisa, e com gesto ameaçador, ordena ao dançarino: *Eunuque! amène-moi cette femme rebelle!* »

A favorita foje. Despida como Venus, desaparece na escuridão do pátio. Esperamos que voltasse. Mas em vão. O pobre Modigliani compadece-se dela e, no mesmo traje, corre em sua cata, não fôsse a desgraçada constipar-se. Tudo em vão. A ninfa havia desaparecido. Tristes, ralhando ao audaz causador daquele desastre, acompanhamo-lo ao seu ateliê, e lá o deixamos, scismador, depois de haver bailado uma petenera grotesca, entre os seus quadros e as suas esculturas.

Coitada, da rapariga! Fui encontrá-la a ressonar, escondida entre os lençóis da minha cama, sem sequer se haver constipado.

Uma vez, o *Visconde da Trama*, um tal Carvalho, viera visitar-nos com a mulher. Ao ver obras de Modigliani, manifestou desejo de lhe visitar o ateliê. Avisamo-lo para que não adiantasse os comentários além de *beau e mondain*. Os idiotas correm a galeria, querem deitar figura nas opiniões, e arriscam chamar às esculturas « *égyptiennes, dans le genre décoratif.* » Aborrecido, berrendo como um possesso, põe fora da porta o *visconde*, aos encontrões, fecha-se com a mulher dêste, e insultando-o, anuncia-lhe: — *Espèce de calicot! Je vais me payer sur nature...*

Cá fora todos ríamos a bandeiras despregadas. O *visconde* escoiceava a porta; a mulher lá dentro, às risadinhas, ficou de refens quási uma hora.

No terraço da *Rotonde*, que ainda era singelo café de meia-dúzia de artistas pobretanas, Modigliani croquizava uma matronaça que lhe *posava*, fingindo-se distraída. A seu lado um inglês, plácidamente, fumegava por um cachimbo que incomodou o nosso artista. Êste, sem tirte nem guarte, deita-lhe a mão ao cachimbo, arranca-lho dos dentes, e lança-o ao meio do bulevar. Tudo riu e tremeu pelo pugilato iminente. O inglês mira-o, ergue-se, e depois de constatar a semelhança do desenho com a madama, aprovando com a cabeça e um *yes* lisonjeiro, fleugmáticamente, em três passadas, atravessa o passeio e vai buscar o cachimbo. Acende-o de novo e de

novo volta a sentar-se ao lado de Modigliani. Êste perde a cólera, sorri do topête do fumador, e oferece-lhe o retrato da matrona finjida.

Num *Salon d'Automne*, ao lado de Boccioni, — essoutro arrojado italiano, chefe do futurismo plástico, defensor dos ritmos puros, harmonista



DESENHO POR MODIGLIANI

dos contra-volumes e criador dos movimentos da forma em correcto jôgo de intersecionismos audazes, coerente teórico que prègou a guerra e nela morreu, e que expunha uma escultura valorosa — *Sintese do dinamismo humano* —, e ao lado de Archipenko, o das figuras estardalhaçantes fabricadas em folha de Flandres, ripoli-

nadas em todos os tons e baptizadas de *sincronismo escultórico*, viam-se umas seis ou oito cabeças de granito que ao seu autor — Modigliani — trouxeram glória e alguns proventos. Eram formosas, extáticas e *mundanas*. Todo o sensua-

lismo da raça errante se concentrou naquela sala, e todo o escarceu do povinho basbaque ali se manifestava em alarido de troça e interjeições.

Radiante, Modigliani anunciou-nos a fortuna. Certa manhã, a barba feita — rapadas as barbas loiras que o romantizavam —, procura-me e pede-me um fato emprestado para ir almoçar com os Mecênas. Cedi-lhe um, negro, e a respectiva gravata. Ofereci-lhe um chapéu de côco que trouxera de Portugal. Modigliani despe a andaina de bombazina, deixa-ma num canto, enrolada na faixa azul que lhe servia de cinto, abandona o barrete, e lá vai todo janota, o côco ao lado, o nó da gravata no seu lugar, escovadinho e radiante, bamboleando-se, contente como num sino, depois do abraço amigo de agradecimento.

Uma semana passada, aparece-me no ateliê e busca o *bonet* e a cintura azul. Do fato que eu lhe emprestara, nem palavra. O côco, confessou-me que o havia perdido, porque se emborachara. Logo nessa hora perdi as esperanças de reaver a pobre farpela. Porque as pantolanas e o jaquetão de bombazina cinzenta, que me deixara em casa, cheirassem algo a gato e porque mais de um mês decorrera sem que o seu dono os reclamasse, resolvi-me, instado pelo meu torturado olfato, a oferecer tudo à mulher a dias, megera cubiçosa de trapologia, esperando que Modigliani houvesse ficado contente com a troca. Mas quê? Logo que soube do meu abuso, reclamou-me a fatiota, zangou-se comigo, o diabo a quatro... Nesse

momento, então, explicou-se sôbre o fato que eu lhe emprestara :

— « *Je l'ai offert à un pauvre copain. J'aime pas le noir...* »

Só eu não tive coragem de me zangar com êle. Conheci-o bem, e sei quanto era generoso. Qualquer malandrão o intrujava.

A-pesar-de isso, andou amuado comigo quasi um mês. Um dia quis almoçar e procurou-me.

— « *Je vous aime bien, Macedo, parce que vous êtes timide. Je vais vous faire un portrait.* »

Apareceu-me uma vez com um rôlo de dez desenhos preciosos. Precisava de um *louis* e queria vender-mos. Porque a minha bôlsa de estudante apenas continha dois francos, que pus à sua disposição, e porque nos encontrávamos na *Closerie des Lilas*, onde Paul Fort princepava, reclamou duas cervejas ao criado e bebêmo-las em amêno cavaco. Ei-lo que parte com o rôlo debaixo do braço, e minutos depois, volta alegre, com vinte francos em oiro, levando-me a almoçar ao restaurante do *Observatoire*, botequim onde, desde remotos tempos, os portugueses se reüniam. Aperitivámos, bebemos *bourgogne* e aguardente; ao sairmos, só nos restavam quatro *sous* para, no balcão de zinco, tomarmos os inevitáveis cafés *nature*.

Foi dêste modo que êsse pródigo espatifou, sem maior gôzo, os lucros do seu trabalho, dêsses

soberbos desenhos de qualidade, harmónicos e maliciosos, demonstrativos de uma sensibilidade rara.

Vi-o fazê-los às dúzias. Fogoso, arreliado mas sempre sorrindo, pegava nas fôlhas de papel, e sem levantar o lápis, começando de cima, e quasi só num traço, lançava um formoso corpo de mulher. De repente, estacava. Deitava essa fôlha ao chão, tomava outra, repetia o desenho, e, quasi ao terminá-lo, estacava de novo. Outra fôlha para o chão e terceiro desenho começado. Nova fôlha no chão, novo desenho iniciado, sempre sem parar, em catadupas de exaltação, insatisfeito, descontente com uma pequena linha, tantos fazendo e tantos regeitando, até que acertava, e a sua obra aparecia sem pecado. Por fim, como criança que lambaricou mil bonbons, mirava, remirava o derradeiro desenho, e ia-o prender na parede, feliz por se ter vencido.

Quem pegasse nêles todos, nessa dúzia de recusados, e os colocasse uns sôbre os outros, constataria, à transparência, que eram quasi iguais, leves as diferenças das linhas, mais parecendo decalques que feitos assim daquela maneira. Havia por vezes a obsessão de certo movimento, de certo jôgo de volumes, de certo estilizamento, que o fazia repetir inconscientemente a mesma figura, uma dúzia de vezes.

Foi um dos maiores desenhadores dêste século.

Tão simples eram seus debuchos, que milagre parecia expressar tanta verdade e tanta beleza sem apêlo aos esfumados nem à modelação. A simplicidade não será um fim em arte; mas fatalmente se caminha para ela, quando se tenta dizer tudo que se pode dizer, em perfeição eterna. Ora Modigliani dizia o máximo que a verdade contém, por vias elegantes e anormais, servindo-se apenas de dois traços singelos.

Numa fôlha de papel vulgar, com um lápis comum sem marca especial, cumpriu uma manhã a promessa que me fizera, ao regressarmos da exposição Vignier, que se abrira no *faubourg de Saint Honoré*. Vejo ainda a minha máscara, de frente, a bôca estilizada, o nariz longo e as maxilas assimétricas; um ôlho deslocado pela malícia da observação, e ambos cheios a lápis azul; o chapeirão largo a enquadrar o desenho, e sôbre êste, o ondeado de um tôlido em que se liam as palavras **Café de la Rot...**

Onde parará êsse desenho?

Os museus de Itália, Alemanha, Bélgica, Inglaterra e França estão pejados de desenhos celebrados. Cada um custou um milhão e hoje seus preços ultrapassaram os números das balanças racionais. Obras de génios, são as primeiras chispas do próprio génio, os relâmpagos do atrito da inspiração com o pulso do próprio artista. Nenhum deles é mais valioso que qualquer outro,

na cotação que o tempo consagra aos seus deuses. Equivalem-se em preço. Desapareceu a lógica do seu valor real. Ultrapassaram os limites do cálculo humano, e a sensibilidade moderna aceita-os sem consentir que a razão os discuta. Pisanelo, Signorelli, Leonardo, Miguel-Angelo, Rafael, são lições muito ao cimo do nosso entendimento para os escarpelarmos ou sequer os observarmos em relatividade; Dürer, Cranach, Rubens, Fouquet, Lorrain, Greco, Velasquez, e tantos outros, aceitaram-se de olhos fechados e jura-se pela honra, quanto ao mérito dos seus desenhos, que nós herdamos para refastê-lo das convicções pouco dadas a exames. Não há que temer; há que afirmar. Inultrapassáveis todos, nenhum é maior, embora cada qual possa ser mais amado em separado. Assim manda a Santa-Madre-Emoção, a cordura dos bons críticos educados...

Para os artistas de hoje, porém, os renegados da arte-viva, os desenhos do passado são olhados com atrevida meditação, por vezes até em desrespeito pelo nome dos seus autores, que os guias dos museus afirmam ser invulneráveis como certos dogmas da Igreja. Não há, na verdade, desenhos melhores ou piores. Há apenas desenhos mais vividos ou menos vividos, mais emotivos ou menos emotivos. O *desenho* bitola é um erro, o desenho estalão, o desenho para a comparação de todos os outros desenhos, é uma falsidade idiota inventada pelos académicos que jãmais compreenderam o valor do desenho, jãmais sentiram o desenho,

presumindo que êste era uma grafia gramatical ou simples rêde para construção de cimento-armado. Ora o desenho é uma expressão de arte das maiores, porque é o eixo, a idea portanto, de tôdas as arquiteturações plásticas, o pilar da ponte que conduz às outras artes. Cremos mesmo que o desenho existe oculto na poesia, na música e na dança, em volta das quais giram tôdas as emotividades estéticas ou sentimentais.

Para os *fauves* da Europa, os grandes desenhadores limitaram-se a alguns construtores do desenho. A sua expressão reside na dose abundante com que sensibilizaram a emotividade dêstes resultados tardios. Holbein e Clouet são os ancestrs da matemática plástica e vivificada, que as feras de Montparnasse cultivam sem receio das guerrilhas estrangeiras. Um dia Ingres é descoberto pela ironia de Césanne, e Picasso introdu-lo no Cenáculo. Chegou a haver um batalhão ingrista. No altar, ficou instalado entre as velas do segundo piso. Entre os inúmeros desenhadores extraordinários que o passado legou ao presente, apenas estes três têm, latente, uma devoção cãndida. Desenhos houve, tantos e tão formidáveis, que jazem aferrolhados nas pastas das galerias. Há pânico em lhes dar liberdade. À gandaia, apenas passam de quando em vez pelas telas dos selvagens modernos, os desenhos das cavernas primitivas, dêsses outros selvagens que desconhecendo teorias, como ninguém, só por instinto de expressão, definiam a vida dos animais que os

cercavam. A prè-história interessa mais os artistas de hoje, que a própria história que enriqueceu os de ontem. Tanto assim foi, que os da Academia inventaram um compêndio de desenho, a que chamaram *desenho histórico*.

Todavia, Montparnasse teve a honra de ver brotar entre os esforços da sua arte outro grande desenhador, tão grande como aqueles que os museus zelam e os que os *fauves* veneravam. Foi Amadeo Modigliani. O seu desenho é diferente de todos e é tão grande como todos os dos outros. Quando por mais não fôsse, Modigliani ficaria como um enorme desenhador, irmão de Clouet e Holbein, de Ingres e de Signorelli. E a sua galeria é de centenas de obras-primas: retratos, nus, composições. Nunca ninguém rebuscou tanto no bom passado, mas só no bom e típico, para encontrar e criar a sua personalidade contemporânea. Modigliani não foi um inculto que inventasse por acaso um ovo de Colombo; foi um estudioso cheio de dons e de fé, que como o Infante de Sages sabia da existência de novos portos e novas fortunas. Os seus desenhos têm fatalmente de ir um dia para os cárceres das pastas das galerias e museus.

Modigliani ainda não teve a consagração que a França lhe deve. Nem um quadro no Luxembourg nem no Petit-Palais. No entanto, quasi todos os museus da Europa e da América os possuem orgulhosamente.

Mussolini mandou consagrar, no Museu de

Milão, uma sala inteira a êsse malogrado génio. Londres já lhe disputou uma tela por um milhão. Na América até já se falsificam, como se falsificam Rembrandt e Renoir. O Japão, a Suécia, colocaram seus quadros nas salas de honra...



PINTURA DE MODIGLIANI

E em França... só os particulares os disputam, as galerias os expõem, os amigos os escondem.

Não esqueçamos que uma vez o comissário de polícia de Paris mandou retirar das paredes do Salon um quadro de Modigliani que representava um honesto modelo nu, castamente nu, um genial quadro de Modigliani!...

É certo que o Foujita, o menino bonito dos reclames às meias e aos perfumes, êsse fransino de tórax e de traço, de nuca ao léu e colaborador de Van-Dongen e Mistinguette nas festas de caridade, ainda não teve a consagração dos museus que seu indubitável talento aguarda. No entanto, indumentado de boneco para refastêlo das comilonas de amor, tem seu palácio erguido, seus criados adestrados, e não haverá perigo de morrer num hospital nem conhecer as agruras das enxovias boêmias...

Certa manhã radiosa de luz e frescura, após uma visita aos egípcios, no Louvre, que me exaltaram quâsi à folia de tentar pegar em armas e bagagens e seguir no primeiro barco que me quisesse conduzir para além, vim topar Modigliani felicíssimo com o seu trabalho, a camisa arremangada, o cabelo em desalinho, a bôca generosa de cantigas. Convidado a vir almoçar *chez Mazet*, Modigliani preferiu levar-me a um restaurante que havia dias descobrira, no alto da rua Belloni, cêrca da *gare des marchandises*, onde por um franco se comia lautamente uns *raviolis* de truz e se bebia um *rouge* ordinário que parecia Beaujolais. E lá fomos, rindo, êle a escutar os meus planos e a minha derradeira paixão pelos deuses do velho Egipto, e eu a ouvir-lhe a história que havia dias lhe acontecera: « *Caro Macedo, je m'en fous pour la pûrée!...* » Uma noite qualquer, sem cheta no bôlso

mas com a barriga a dar horas, fôra parar àquele *bistrot*, pronto a comer fôsse como fôsse, porque beber já o havia feito por igual preço, lá para as bandas de Vercingétorix. Instalara-se a um canto entre os operários, fizera-se servir um *casse-crouste* abundante, duas botelhas do tinto, e terminado o repasto em boa companhia de carroceiros e carregadores, chamou o patrão da tasca para lhe confessar a sua penúria. Oh diabo, o que fizeste! Logo os criados protestam, o restaurador o ameaça, e por último salta o moço da cozinha que alvitra: — «Pois quem não tem dinheiro e quer comer, trabalha. Que venha para aqui lavar a loiça, limpar o fogão!...» Dito e feito. Modigliani despe o jaquetão, e ei-lo de rodilha em punho a esfregar os pratos, a pulir o forno, a varrer o antro. Duas horas risonhas de *ménage*, palra para aqui e para acolá, todo amigo e camarada, e enquanto esfregava as mesas de zinco e arrumava os copos, foram meia dúzia de cálices de genebra para o bucho, acabando tudo em paz por uma biscada e uns absintos em comum, patrão, fregueses e serventes, até altas horas, voltando o nosso boémio amigo no dia seguinte para a mesma refeição e para o mesmo serviço, sem prosápias nem basófiás, naturalmente, socialista-mente.

E agora levava lá freguesia nova e boa, artistas e noctívagos, gente de comer e de pagar, gente líró que envaidecia o *bistrot*.

— «*Voilà... un de ces jours-ci, j'y devien-*

drai sociétaire... C'est mieux que de la Nationale!... Pas, que c'est chouette? » — rematava.

E ao cruzarmos na volta para a rua Falguière com o escultor Zadkine, que também era rato da Cité, Modigliani soprou-me ao ouvido uma brêjeirice a seu respeito, não fôsse o cachorro alsaciano daquele, aperceber-se do comentário sôbre o dono.

Zadkine era ainda um judeu pobre, sem clientela na América nem artigos do Raynal. A sua escultura desbastada em troncos duros de carvalho, como padrões totémicos, ou em pedregulhos tôscos de basalto, jazia-lhe no ateliê sem esperanças de comprador nem páginas de revista catita para as reclamarem.

Era um paciente ignorado. O busto erecto como um candieiro de rua, os sapatolos cambados, o cachimbo aperrado nos beiços, vermelhusco de pele e as mãos endurecidas, lá seguia a vida e as ruas atado por uma corrente ao rafeiro, êsse rafeiro que uma tarde levava uma cadeira aos trambulhões para alcançar um pedinte, que à falta de outra habilidade, corria os cafés em cata de um inexistente moscardo, um dêsses típicos malandrões da pechincha parisiense, dêsse *Paname* de antes da guerra, pitoresco e pacato, já cosmopolita mas ainda muito francês.

Marinetti viera fazer a sua primeira conferência a Paris. Estavam lançados os primeiros mor-

teiros do futurismo em Milão, e restava agora rebentar a bomba no coração do mundo. Manifestos e poemas, livros e pasquins, já se vendiam por tôda a parte. O Bernheim Jeune ia oferecer sua galeria para a grande parada de pintura. O Salão de Outono também em breve iria receber êsses revolucionários. Preciso era vir o profeta antes, anunciar a nova verdade, o presente futurismo. Foi escolhida a sala dos Estudantes de Paris, no *Quartier Latin*, onde a semente se não perdesse.

Modigliani convidou-me a acompanhá-lo. E lá fomos os dois. Sala espaçosa, nem lugar para uma pulga pinchar havia lá dentro. À porta, polícia e gritaria. Recordo-me de ver lá o pintor Santa-Rita e o escritor Aquilino Ribeiro.

Marinetti aparecera, pedante e ousado, disposto ao que desse e viesse. Começou. A princípio, ironias; depois ataques; por último, profissões de fé. Foi recebido com risos; depois, assobios e impropérios; houve cebola e ramos de cenoura. Terminada a palestra, que foi longa, os estudantes arvoraram-se em bestas, e como a Sarah Bernhardt, trouxeram o Poeta às cavalitas cá para fora: — viva o futurismo, fogo ao Louvre, o diabo a quatro...

Modigliani sorria. Exaltado, disputou dois garotetes de *béret* de veludo — meninos de direito — e um polícia ciclista. Era amigo do conferente, mas irritara-se com o cabotino. Pior que tudo, a multidão de idiotas que o seguiam em triunfo,

após as vaias e as chufas. Antes os insultos, que a inconsciência.

E numa cervejaria da Praça de S. Michel, Modigliani clamava pela sua *cara Itália*, donde via agora chegar uma lambada de fogo, um grito de rebelião estética. O italiano estava em brasas. Garibaldínico no fundo, não lhe desagradava aquele gesto. E chorava e bebia. Como um herói de legenda, ao regressarmos, sobre a boleia do fiacre que nos trouxera, Modigliani cantava um hino de guerra, alucinado, alcoolizado, perdido.

« *Il fuoco! il fuoco, cara Itália!* »

Foi um trabalhão para que os *flics* o não levassem para o chelindró.

Sincero e creança, seu coração se revelava pelas lágrimas e pelos berros. O pobre cocheiro foi quem pagou aquele entusiasmo, sofrendo alguns murrinhos no lombo avantajado.

No dia imediato, quando lhe perguntei a sua opinião sobre o futurismo, riu muito, riu às escâncaras, e queixou-se-me de que a genebra e a conferência lhe haviam feito mal *au coeur*...

Certo pintor português, que muito desejava conhecê-lo e de quem lhe haviam contado as saborosas *blagues* com que entretinha a vida, acerca-se dele uma tarde, chama-lhe *mestre* e apresenta-se. Modigliani sorri, dá um geito às calças de operário, carrega o barrete para os olhos, e nega-se ao apêto de mão, dizendo: « O senhor

está enganado. Eu não sou essa pessoa de quem fala. Chamo-me Dupin, sou *manoeuvre*... nunca fui artista. O senhor está enganado... »

E ao contar-nos, mais tarde, a partida, ria, ria como um garoto, mas barafustando sempre que não admitia pessoas sem sinceridade, nas suas relações, fôssem quem fôssem, génios ou carroceiros.

Modigliani havia abandonado a *Cité Falguière*. Porque não pagava o aluguer do ateliê, recebera o *congé* e fôra morar para os lados do bulevar Raspail. Na sua nova instalação, dormia agora ao ar livre, sôbre um colchão que colocara no pátio ajardinado, servindo-se do ateliê apenas para trabalhar, porque se alugara casa não fôra para outro fim, escusando de ocupar espaço quando dormia. Além disso, pensava em breve partir para a Itália, a sua cara Itália, e não sabia bem o tempo que demoraria...

E um belo dia, Modigliani deserta dos terraços de Montparnasse e das tabernas de Montmartre.

Numa tarde de primavera, já o calor apertava, fui topá-lo no terrasso do *Dôme*, acabadinho de chegar, radiante com Paris e aflito com a sêde. Dois grandes *boks* de cerveja, logo outros dois, e nesse dia era Modigliani quem pagava as *tournées*, porque viera rico, muito rico da terra. Vinha exuberantíssimo, como quási sempre acontece aos

que chegam de viajar. E vinha janota de traço: sapatos amarelos, fatiota clara, um sobretudo no braço, e na cabeça um penante de palha, que só tinha de estranho ter a copa descolada, como tampa de marmita, erguida que nem bôca de batráquio. Modigliani falou, falou, contou peripécias e impressões, disse mal e disse bem: «que a Renascença fôra um êrro em arte, e só se salvara pela exuberância de formas, pela riqueza dos materiais; que Miguel Angelo fôra um monstro apocalíptico; que a Renascença fôra a vaidade desordenada, a fanfarronice à rédea sôlta, a época do espanto agressivo, da religião sem respeito pelo divino, do crime glorificado à fôrça de dinheiro, do espadanamento dos instintos sem espécie alguma de lógica construtiva e portanto de eternidade»... Agoña que acabava de visitar mil templos, de os peneirar pela sua visão culta e civilizada, de procurar sensações perante os pintores de Siena e a estatuária da velha Roma, iria êle produzir com calma uma nova obra que derubasse pela sua sinceridade e pela sua inquieta quietação, todo êsse Renascimento de idealização fradesca e burguesa.

«Só os arcaicos existem, *cher* Macedo!»

E entrementes, que todo às golfadas, exaltado, me contava das suas sensações e planos, retirara da cabeça o chapéu rôto, aparecendo-me com a nuca rapada à navalha, tal e qual um rabistel de bambino. E ora rindo do meu espanto, aconselhando-me a igual tonsura de higiene, empunhon



PINTURA DE MODIGLIANI

um garrafão de água e, sem-cerimónia, despejou-o lentamente pelo crânio abaixo. A pingar, rindo sempre, exclamou ainda: — « *Voilà!* o que faltou a Benvenuto foi a coragem de rapar todos os pêlos decorativos e inúteis da obra que arquitetou! »

Fêz-me depois o elogio de Machiavelo, contou-me dos *frescos* de Pisa, recitou Dante, zurziu d'Annunzio... e pediu-me dez francos para pagar a despesa, que já ia em cinco canecas cada um.

De repente, corta em direcção ao *la Rotonde*, abraça uma rapariga aloirada e frágil, condu-la até mim, e apresenta-a :

« *Macedo! qui mia bella donna!...* »

Logo três *pernots à l'eau* festejaram os recém-chegados. Ela também acabava de chegar de viagem, pelo *Metro*, de Clichy ou Ménilmontant...

1914

A Guerra. Ausência de Paris e ausência de tudo.

A morte levou um, depois outro, mais outro e outro, e hoje, dêsses descuidados tempos, apenas guardo lembranças esfarrapadas.

De Modigliani, triunfador e desgraçado, nada mais soube que me não fôsse contado. Só de longe, maguado de saudades e de abandono, assisti ao seu fim.

Por aqui me devo quedar, para que o egoismo não belisque memórias.



Mais não posso recordar dessa *Cité*, em cujo 14 amei e vivi sem cuidados, rindo e chorando pelo vale da idade fora, até que os primeiros cabelos brancos me assisudassem o génio, novas tristuras e novas alegrias me adubassem fortemente a terra, à qual trago os pés apegados e o coração escravizado.

De Modigliani, do Amigo e do Artista, melhor que eu, outro Amigo, o escultor Francisco Franco, dizia numa carta que de Siena me escreveu há anos:

«...daqui, só do Silêncio e dos Primitivos lhe falo. Nesse Paris de desvairo, contente-se você com o Louvre e com a obra de Modigliani, que por mais que procure não encontra melhor.»

E eu repito agora as vozes de Miguel Angelo:

— « *Quanto dirne si dee non si puo dire.* »

Lisboa, 1930.

ACABOU DE SE IM-
PRIMIR EM LISBOA,
NA TIPOGRAFIA DA
«SEARA NOVA», CAL-
ÇADA DO TEJOLO,
TRINTA E SETE, AOS
QUARTOZE DE OUTU-
BRO DE MIL NOVE-
CENTOS E TRINTA

